

As duas fronteiras

A política externa brasileira prossegue consolidando seus traços, apesar de todas as pressões.

Desde as presidências Quadros-Goulart, nos ministérios do Exterior de San Tiago Dantas e Afonso Arinos de Melo Franco, que passamos a acrescentar o Terceiro Mundo às nossas preocupações fundamentais.

Não faltaram os capitulacionistas, acostumados aos velhos padrões, que teimavam em dizer que iríamos perder amigos e não conquistar novos. No que se enganavam redondamente. Mais de um país africano comercia, hoje, com o Brasil, muito além dos níveis de antigos parceiros.

Quando irrompeu, por exemplo, a crise de Biafra, havia quem propusesse uma solidariedade nossa para com os separatistas, a fim de dividir a Nigéria, no fim vitoriosa com apoios os mais aparentemente contraditórios. O Brasil principiava a acostumar-se em alinhar-se, e realinhar-se conforme as circunstâncias, com países até então considerados inimigos por procuração. Não foi fácil chegar ao reconhecimento da China e de Angola. Mas chegamos.

Não vamos repetir nostalgicamente nossas vitórias. Elas tendem a continuar.

As situações de Israel e da África do Sul, apesar das suas origens diversas, têm alguns pontos em comum, entre os quais a animosidade para com nossos parceiros, cada vez melhores. Foi preciso a "Petrobrás" para entendermos finalmente a importância dos árabes, eventualmente também de Angola e Nigéria. Outros mercados só também se abrirão, se perseverarmos na rota atual, de desarmamento de espíritos, em vez de tomar-mos partido por medidas condenadas pela ONU.

Não vale ficar em cima do muro. As jovens nações afro-asiáticas estão aprendendo a defender-se, o que não significa sua aliança contra o Primeiro nem o Segundo Mundo, conforme querem certos adeptos do Apocalipse. Elas também se dividirão internamente, como fazem seus antigos mestres e os candidatos a novos. Por que as outras não têm o mesmo direito? Delas são exigidos comportamentos sem exemplos.

Não podemos recusar o apoio à independência da Namíbia. O nome soa exótico, como outrora soavam outros. Em breve designará mais uma estrela na constelação das soberanias.

Não podemos ignorar a Organização de Libertação da Palestina, qualquer que seja o "status" recomendado pela prudência diplomática.

Não podemos ficar indiferentes ao Caribe, com suas chamadas se alastrando.

Em cada um dos casos, devemos valer-nos tanto da prudência quanto da experiência. Por pouco não perdemos a oportunidade histórica dos reconhecimentos da Argélia, das ex-províncias ultramarinas portuguesas, da Nicarágua sandinista.

Política, sobretudo a externa, faz-se com a cabeça,

não com os nervos nem o coração. A OPEP é apenas o primeiro cartel de matérias-primas. Os países, em vias de desenvolvimento, vão terminar conseguindo funcionar pelos padrões da sociedade industrial e urbana. A incompetência de muitos, hoje folclórica, em breve desaparecerá. Estão se preparando novos quadros rapidamente. Deixou de ser fácil negociar com árabes e africanos. E vai ser cada vez mais difícil.

Nação que deve ser orgulhosamente mestiça, o Brasil pode capitalizar sua miscigenação para melhor entender o mundo e pesar mais em nossas fronteiras terrestres, a partir da marítima; uma, latino-americana; outra, africana. Somos tão atlânticos, quanto continentais.

O peso específico brasileiro, dos Andes para cá, fluirá por força de gravidade, completado o circuito africano. Será a hora de mostrarmos em que somos diferentes, sem repetirmos, pelo menos na mesma proporção, os erros alheios.

O Brasil deve exercer a esperança ativa. Falta-lhe aprofundar um ideário, menos para exportação comercial que por convicções profundas. O produto industrial acompanha o cultural e o político. Do contrário, seremos olhados como caixeiros viajantes. Nada mais.

Serviços exportáveis também são os da solidariedade. Acabaremos tendo, contra nós, os mesmos inimigos dos nossos predecessores, se esquecermos os princípios, que não devem ver-se negociados.

A não-agressão, as soluções por mediação, a abertura das fronteiras são algumas das nossas causas a defender. Dispomos de certa tradição nos ramos, só nos faltam sua integração e perseverança.

E o idioma português hoje é mais nossa responsabilidade, embora não propriedade exclusivista, que de ninguém. Veja-se o exemplo da França, no seu zelo cultural. Também o Canadá, Bélgica e Suíça falam parcialmente o francês, mas seu prestígio e divulgação permanecem nas mãos de Paris.

O mesmo se diga do castelhano, espalhado e apurado pela Espanha.

Inclusive os árabes, principalmente através da Arábia Saudita, propagam seu idioma e até o islamismo.

A conquista econômica principia cultural, quase culturalista. Há muito que precisamos estender uma ajuda especial, inclusive intelectual e não apenas econômica e técnica, à África de expressão comum. Se nossos recursos são poucos, ela também necessita de proporcionalmente pouco.

Idêntica atitude, apesar de menos enfática, deveríamos há muito estar oferecendo aos vizinhos terrestres, a começar das fronteiras. Institutos de cultura luso-afro-brasileira já deveriam existir pela América Latina, pelo menos nos seus pontos principais. Tudo discretamente, sem levantar poeira.

Tudo o mais virá por acréscimo.